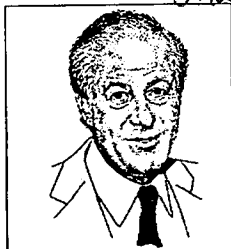


MÁRIO GARNERO

A economia e a escola da vida

Brasil



Crescimento econômico não tem sentido se a desigualdade social persiste

"Como no alcoolismo, o excesso na economia tem consequências inescapáveis."

John Kenneth Galbraith, *The Great Crash/1929*

Alguém já disse que a economia é um assunto importante demais para ser deixado nas mãos dos economistas. Diga-se a favor deles, contudo, que há economistas e economistas.

A atual crise de liquidez internacional emoldurou a figura de um clássico: o economista "Pilatos". Aquele que, sentado no trono das sociedades saudáveis, risonhas e bem alimentadas dos países desenvolvidos, lava as mãos e acompanha sem sinais de compaixão a agonia dos incuráveis "emergentes". O diagnóstico que ele faz da atual crise de liquidez internacional é mais ou menos este: a instabilidade emocional de capitais voláteis e a má gestão local desse dinheiro levaram ao olho do furacão alguns países já fragilizados por incuráveis problemas estruturais. A tempestade começou entre os ex-tigres asiáticos, varreu a Rússia e faz agora estragos na América Latina. Em resumo: eles que se danem.

Kofi Annan, secretário-geral das Nações Unidas, é economista. Para ele, a atual crise financeira é mundial. Em outras palavras, está longe de ser um colapso circunscrito a nações economicamente destrambelhadas e estruturalmente desestruturadas – sem, contudo, lhes negar, e a seus governos, uma efetiva responsabilidade pela desordem. Portanto, como disse Annan no seu discurso inaugural da 53.^a Assembléia-Geral da ONU, segunda-feira, dia 21, os medicamentos têm de ter um espectro global.

Annan ostenta, em seu currículo acadêmico, graduação em universidade dos Estados Uni-

dos (Minnesota) e pós-graduação em Genebra, na Suíça. Nem por isso o secretário-geral das Nações Unidas deixa de abrir um canal de sensibilidade diferente da do economista "Pilatos". Nascido em Gana, Annan fez seu estágio na escola africana da vida. Ele conhece – e não apenas de ouvir dizer – a face perigosa da internacionalização dos capitais. "Milhões vi-

vem a globalização não como uma oportunidade, mas como uma força destabilizadora ou de destruição", disse Annan. Lamentou ele, no seu discurso à Assembléia-Geral, "a pressa de construir riqueza rapidamente". Disse, em outras palavras, que o bolo econômico não terá o mesmo sabor sem o glacê do social.

Não fossem questões circunstanciais, o secretário-geral da ONU poderia ter lido o discurso do chanceler brasileiro, Luiz Felipe Lampreia, e vice-versa. O Brasil, como se sabe, tem tradicionalmente a primazia de abrir a Assembléia-Geral, a cada ano, e o que ministro das Relações Exteriores fez, num dis-

curso sem meias-palavras, precedendo o de Annan, foi chamar a atenção daqueles que bailam o minueto enquanto o mundo em torno deles pega fogo. O próprio presidente Fernando Henrique se referiu recentemente ao G-7, a cúpula dos países desenvolvidos, como "o diretório do mundo", numa feliz imagem de odores napoleônicos.

A crise de credibilidade não é do real, do rublo nem de nenhuma moeda asiática. A crise de credibilidade é geral. Numa situação como essa, as finanças globais se tornariam incontrolláveis – a menos, é claro, que se estabeleçam mecanismos de controle. Fred Bergsten, ex-secretário-adjunto do Tesouro dos Estados Unidos, advertiu neste mesmo jornal: não é uma gripe à toa, trata-se de uma epidemia. E, por mais que o Congresso americano e certas lideranças européias não pareçam preocupados, o contágio já se propagou.

Ao Brasil compete ainda concluir sua lição de casa em relação às reformas econômicas. Os governos federal, estaduais e municipais têm de começar cortando suas despesas. Uma reforma tributária de verdade pode, pela desoneração das exportações, aliviar o déficit externo. O custo Brasil tem de ser reduzido. Só assim o País poderá passar ao largo dos

maus humores da meteorologia dos capitais especulativos. O presidente Fernando Henrique desceu das nuvens na quarta-feira, dia 23. Fez um discurso realista, pragmático, admitindo, enfim, o tamanho do rombo. É só passar do discurso à ação. E, juntamente com o Congresso, votar a reforma política, a tributária, a previdenciária e a trabalhista.

Na área social, a lição de casa mal foi iniciada, mas a própria ONU acaba de reconhecer o esforço do aprendiz. Pela primeira vez em sua história, o Brasil chega ao primeiro time dos países com alto nível de desenvolvimento humano. O 62.^o lugar no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) não nos coloca na posição de recordistas de bem-estar social e qualidade de vida, mas mostra que há progressos. Ainda estamos atrás da Colômbia, mas passamos à frente da Rússia. Empatamos com Belize!

Continuamos em recuperação na disciplina distribuição de renda, diz o relatório do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud). Continua o Brasil e continua o mundo. Há desigualdades aqui e lá fora. A atual crise é apenas um dos sintomas de um desequilíbrio internacional que deixa o economista Annan inquieto, mas diante do qual o economista "Pilatos" se refazela, olímpicamente.

Em junho deste ano, o secretário-geral da ONU esteve em São Paulo inaugurando a Associação das Nações Unidas-Brasil. Trouxe-nos pessoalmente uma mensagem de compreensão cristalina: crescimento econômico não tem sentido se a desigualdade social persiste. O remédio? "O futuro repousa no desenvolvimento da sociedade civil", prega Annan. A sociedade civil forte promove a cidadania e faz com que a democracia funcione. E uma democracia plena é a garantia de que os frutos da liberdade do capital sejam partilhados com justiça.



■ Mário Garnero é presidente da Associação das Nações Unidas-Brasil e do Fórum das Américas